



No vol. 14 do Tesouro da Juventude, notável obra de difusão cultural editada pela W. M. Jackson, Inc. Editores, encontramos interessantes trabalho subordinado ao título: O ROMANCE DO CAFÉ. Trata esse trabalho da significação do café como bebida, de sua história, suas lendas, da comercialização do café, e sua introdução no Brasil. O notável trabalho daquela obra enciclopédica é o seguinte:

"O café é hoje uma bebida universal, a bebida favorita, senão a mais popular. Particularmente no Brasil, o café tem um consumo espantoso. Não admira, porque o Brasil é o maior produtor de café, em todo o mundo. O brasileiro toma café desde que se levanta até as últimas horas do dia. É estímulo e é prazer. Interrompe o trabalho para tomar o que ele chama de um "cafézinho", pequena xícara de forte infusão que se encontra quase que em todas as esquinas, e que alguns ainda tomam à maneira tradicional, à volta de uma mesa, numa longa palestra sem destino. Outros, porém, graças à intensidade da vida moderna, já o preferem nos chamados "expressos", generalizados em inúmeros países: toma-se o café de pé, às carreiras, entre dois negócios, e a cerimônia se repete um número infindável de vezes durante o dia. Mas o café ainda é mais, para o brasileiro: é um símbolo de hospitalidade. No seio da família brasileira o café, antes do vinho do Pórtico ou do whisky, e geralmente em lugar do vinho, do whisky ou da cerveja, é a bebida que se oferece às visitas, quantinha e feita na hora. E existe uma frase clássica na vida, sempre brasileira: "Não espera o café?". Não há quem não a tenha ouvido, milhares de vezes, durante a vida, sempre que, numa visita apressada, pretendu retirar-se. O café é o selo da amizade, um símbolo de cordialidade, como o famoso "cachimbo da paz".

Foi o café que deu ao Brasil nos últimos decênios um lugar proeminente na economia internacional. É ainda hoje o grande produto brasileiro de exportação. Os cafés de S. Paulo abastecem o mundo. Mas o café não é bebida originária deste país. É sua história é um verdadeiro romance, cheio de lendas pitorescas e de tradições curiosíssimas.

Onde surgiu o café? De onde veio?

Aventuremo-nos pelo meio das lendas que primeiro falam dele. Os viajantes antigos contavam histórias fabulosas sobre a sua origem. E uma das lendas que se apresentam com maior fundo de verdade é a que liga a descoberta do café e a sua futura disseminação pelo mundo ao nome de um pastor abissínico, guardador de cabras. Foi pelos meados do século XV, Kaldi era o seu nome. Vivia na costa ocidental do mar Vermelho. Tinha a sua guarda dois rebanhos de cabras. Um deles se distinguia pela vivacidade, pelo desempenho, pela aparência viva de saúde maior. Kaldi era observador. Quis verificar a razão. E notou que as cabras mais

bem nutridas se apascentavam num terreno onde crescia uma planta de frutos vermelhos que elas devoravam com delícia. Talvez fosse de produzir mais leite. Kaldi tinha uma certa intuição científica. Fez uma experiência. Trouxe para o terreno as outras cabras. E imediatamente elas se transformaram também. E foi provavelmente do nome da região — Kafa — que se originou o nome café, hoje pertencente a quase todas as línguas.

Kaldi teria sido, segundo a lenda, um dos primeiros homens a empregar o café. Esmagava os grãos; temperava-os com manteiga. E cada vez que os "comia" sentia-se, outro e bem disposto. Os amigos o imitaram. A região de Kafa passou a se interessar pelas frutinhas vermelhas.

Um dia, muitos decênios mais tarde, um xeque árabe, à frente de seus guerreiros, percorreu a região de Kafa. Vinha do Yemen. Chamava-se Gemaleidin Abou Muhammad Bensaif. Fatiado pelas longas jornadas, viu, com alegria, que um dos seus guerreiros-lhe oferecia uns frutos estranhos aconselhados por um velho pastor como a cura ideal para as fadigas do corpo e do espírito. Experimentou-os. Que transformação! E ao voltar para o Yemen, levava consigo sementes da planta milagrosa que a Arábia um dia forneceria ao mundo, tanto assim que Lineu a nomeara "coffea arabica".

Alá protege o café!

Foram os árabes — Alá seja louvado! — o primeiro povo a cultivar o café. Extrairam dele uma bebida maravilhosa, em vez de másculo, como o faziam os abexins. Mas uma primeira batalha surgiria, em 1511, contra o café. Um chefe islamita vivera nele um "vício", como outros o têm visto no vinho ou no fumo. Kair Bey era o chefe. Segundo ele, o Alcorão não falava em café. E, por isso, proibiu o seu uso. Houve lutas e contendas. Poetas, filósofos, guerreiros, entraram no debate. Em sua maioria, para defendê-lo, pois um deles chegara a classificá-lo, apesar de negro, como "líquido de ouro". E o café, afinal, venceu o Alcorão!

Dá Arabia veio o café para o Egito. Espalharam-se logo os lugares públicos onde se tomava café. Mas aqui também surgiu uma campanha contra, levantada por Ebn-Abd-Alhakk. Para este, o café não era um pecado, mas fazia mal às pessoas de saúde frágil. Fanáticos puseram-se ao seu lado. Invadiram as casas, destruindo as sementes; devastavam plantações; fizeram verdadeiras chacinas nos "cafés" públicos, espancando proprietários, expulsando freqüentes. O café chegou a ter os seus mártires, torturados, presos, perseguidos... Foi quando Ebn-Elias, governador do Cairo, resolveu agir. Ebn-Elias tomou o partido do café. Conseguiu a seu favor autoridades e sacerdotes. E o café, que era tratado às escondidas e tomado em segredo no recesso do lar dos mais devotos, recuperou a glória antiga e reconquistou o Egito, o Egito de onde emigraria para a Turquia, ao tempo do sultão Selim I. Nesse país o café seria causa de inúmeras contendas.

As contendas que o café produziu na Turquia

Conta-se que Selim I, alquebrado pelas cansaças de uma batalha, queixava-se de fadiga quando um prisioneiro, que a sua generosidade salvara da morte, lhe ofereceu, em agradecimento, uma taça de café aromático e tentador. Selim I tomou a inesperada bebida. Sentiu-se reanimado e bem disposto. E tratou de fazer com que sementes de café fossem transportadas para Constantinopla, onde, pouco tempo depois, era o café disputado em toda parte.

Mas era destino do café, em sua marcha pelo mundo, provocar contendas. Os reis e os imperadores deviam comportar-se, diante dele, como diante de algo verdadeiramente fora do comum. Ninguém lhe podia ficar indiferente. Havia que ser a favor ou contra, apaixonado ou inimigo. Selim I era entusiasta. Outros súditos geriam contra. E isso porque, quando Solimão, o Grande o substituiu no trono, se levantou um estranho clamor. Os sacerdotes influentes vinham queixar-se ao soberano. A sedutora bebida, com os lugares públicos onde era delibada, fazia concorrência aos templos. Aquela terrível "droga" fazia perder a mais dos seus mesquitas. E os fiéis se esquivavam. Alá para se entregar ao culto da bebida tentadora... O fato é que súditos se sucederam no trono. Os anos passaram. A batalha continuou. Mas os súditos e os anos passaram, e o café venceu. Havia sido defendido em verso. Havia sido defendido nos templos. Mas só pelos meados do século XVII pôde ele ser oficialmente permitido, embora sempre procurado e destituído às escondidas, nas horas de maior perseguição. O curioso é ver a observação de um historiador, ao narrar as lutas travadas pelos que defendiam, a todo preço, a glória e o gosto de tomar o seu café: "E pensar que, naquele tempo, o café era tomado sem açúcar!"

E no Ocidente?

Mas ainda faltava o mundo ocidental. E nele, a glória da introdução do café pertenceria a um holandês, Charles Clusius, a um alemão, o dr. Rauwolf, e a um italiano, Prospero Alpini. Clusius recebeu de um amigo, em 1573, as primeiras sementes. Chegou a escrever todo um livro sobre o café. Rauwolf, que percorreu o Oriente, foi um verdadeiro entusiasta da bebida.

Alpini, outro grande viajante, foi quem o introduziu em Veneza. E foi talvez nesta cidade que se estabeleceu o primeiro importador de café, um certo Mocengio. Pouco depois, Roma e outras cidades orientais entravam em contacto com a bebida oriental. A Holanda já estava conquistada. A Inglaterra o seria, através de Pasqua Rosee, natural de Ragusa, que abria o primeiro "café" de Londres, em 1652. No começo, poucos londrinos se interessavam por ele. Mas o nosso homem, que tinha o senso moderno, da propaganda, escreveu e distribuiu pela cidade um folheto descrevendo as virtudes do café, ensinando como prepará-lo e mostrando ser ele o "tônico ideal". Os ingleses se interessaram, a bebida agradou, e pouco tempo depois em Oxford, em Cambridge, em Liverpool, novos cafés se instalavam.

E Londres se tornou, pouco depois, o teatro de uma nova "batalha do café". De fato a bebida agradara tanto que os lugares onde se vendia caíam a tornaram logo pontos de reunião dos mais freqüentes, onde se discutia política, religião, filosofia e negócios. As horas passavam, a noite chegava, os clientes lá continuavam, conversando e bebendo. Aconteceu, então, que as donas de casa, esquecidas pelos maridos, se revoltaram. Por mais que protestassem, porém, não conseguiram arrancar os respectivos esposos à sedução da nova bebida e às atrações das palestras